

Ensaio do Silêncio

A Decisão de Habitar o Real



Hans Free

Houve um tempo em que chamamos de descoberta o que era apenas apropriação. Atravessamos os oceanos sem atravessar as ilusões. Mapeamos os continentes sem mapear as consciências. Erguemos bandeiras sobre territórios que nunca nos pertenceram e chamamos isso de progresso, como se nomear o mundo fosse o mesmo que compreendê-lo. Não era. O mundo não estava oculto. Nós estávamos.

Durante milênios a humanidade confundiu potência com maturidade, e essa confusão não foi inocente. Foi a estrutura profunda de uma civilização que aprendeu a crescer sem aprender a pertencer. Crescemos em técnica, em velocidade, em alcance. Aprendemos a alterar climas, extinguir espécies, manufaturar narrativas em escala planetária. Nunca fomos tão capazes e nunca estivemos tão distantes do que essa capacidade exige de nós. Porque potência sem consciência não é força, é vertigem.

A história não colapsa de uma vez, e esse é o seu engano mais elegante. Ela se esvazia lentamente, como um idioma que perde palavras e não percebe que perde mundos junto com elas. Os valores tornam-se slogans, os ideais tornam-se marketing. A linguagem perde densidade, e um dia acordamos dentro de uma civilização que ainda usa as palavras certas, liberdade, igualdade, progresso, fraternidade, mas já não habita o que elas significam. Chamamos consumo de liberdade, opinião de verdade, proteção de realidade. Mas proteção não é realidade, proteção é medo organizado. E o medo, quando se torna arquitetura, vira prisão, mesmo que a prisão tenha janelas largas e conexão de alta velocidade.

O que colapsou não foi apenas o mercado, não foi apenas o sistema, não foi apenas a política, embora tudo isso ranja como estrutura que cedeu por dentro. O que colapsou foi o vínculo, a relação com o outro, esse ser que não sou eu, que me perturba, que me obriga a sair de mim mesmo. A relação com o planeta, esse corpo que não é recurso, mas condição, esse corpo a quem eu pertença.

A relação com o real, essa dimensão dura, frágil, irredutível, que inclui fome, finitude, limite e a interdependência que tanto tememos confessar. Porque confessá-la seria admitir que precisamos uns dos outros. E precisar, nesta civilização, ainda é vivido como fraqueza.

Mas o que esquecemos, e o que precisamos urgentemente redescobrir, é que a fragilidade não é o oposto da força, é a sua condição. Nenhuma vida é autossuficiente. Nenhuma civilização sobrevive sustentada sobre indiferença permanente. A vulnerabilidade que evitamos é exatamente a estrutura que nos obriga a cooperar, a cuidar, a criar vínculos que durem mais do que um clique.

Descobrir o mundo, no sentido profundo, não é ampliar territórios, é ampliar presença. É aceitar que somos expressão temporária do real, não seus proprietários, não seus senhores, mas guardiões passageiros de algo que nos antecede e que, se tivermos sabedoria, nos sucederá.

E aqui chegamos ao ponto que nenhuma retórica pode suavizar. Nós já sabemos. Sabemos que a lógica da competição infinita é insustentável, que a aceleração técnica ultrapassou a nossa maturidade ética, que nenhuma civilização sobrevive quando transforma tudo, corpos, afetos, florestas, dados, silêncios, em objeto de extração. O que falta não é informação, nunca foi. Temos dados demais e discernimento de menos, velocidade demais e presença de menos, respostas demais e perguntas verdadeiras de menos. O que falta é a decisão de habitar o Real.

E a decisão não é mística, não é ideológica, não pertence a nenhum partido nem a nenhuma vanguarda iluminada. Ela é mais simples e mais exigente do que qualquer programa político. É ontológica. Ou reconhecemos que somos corresponsáveis pelo mundo que produzimos, com cada gesto, cada escolha, cada silêncio cúmplice, ou seremos arrastados pela própria obra, como toda espécie que confundiu inteligência com sabedoria, como toda civilização que atingiu o pico da potência sem alcançar o pico da responsabilidade. A humanidade chegou à maioria técnica, e o grande desafio é saber se chegará à maioria ética antes que a conta vença.

Assumir as rédeas do mundo não significa concentrar poder, significa amadurecer. Significa compreender que liberdade sem vínculo é dissolução, que igualdade sem reconhecimento é abstração que ninguém habita, que fraternidade sem prática cotidiana é apenas retórica gravada no mármore das fachadas. O amor, aqui, não é sentimentalismo, não é a palavra suave usada quando faltam argumentos. É a estrutura mínima de sustentação da vida comum. É o tecido que, quando se rompe, nenhuma tecnologia recompõe. Sem ele, tudo se fragmenta em ilhas de interesse que se observam com desconfiança armada. Com ele, não há garantia de vitória, mas há possibilidade de civilização.

O tempo da neutralidade acabou. Cada gesto alimenta uma lógica, a da indiferença ou a do cuidado. Cada escolha cotidiana é arquitetura histórica, ainda que não apareça nos livros, ainda que ninguém aplauda. O mundo real não começa nas cúpulas. Começa nos interstícios, nos espaços entre nós.

A Terra não é recurso, é condição. O outro não é obstáculo, é espelho. A vida não é propriedade, é empréstimo. Descobrir o mundo é sair do palácio material, do castelo conceitual, da fortaleza ideológica, e aceitar o real com toda a sua dureza e toda a sua graça. É reconhecer que não chegamos tarde demais para mudar, mas no tempo exato de decidir. E a decisão começa

agora. Não quando o colapso for visível demais para ignorar, não quando os dados forem irrefutáveis para todos.

Agora.

Neste gesto.

Nesta palavra.

Nesta pertença.

Nesta presença ou ausência que escolhemos oferecer ao mundo que partilhamos.

Se amadurecermos, sobreviveremos. Se continuarmos infantis diante do poder que acumulamos, seremos apenas mais uma espécie que confundiu velocidade com direção e inteligência com sabedoria.

*A decisão é nossa.
E ela não vem depois de descobrir o mundo.
Ela é a própria descoberta.*

Hans Free